

ASPECTOS COGNITIVOS E SOCIAIS NA TOPONÍMIA

Maria do Socorro de Melo Araújo (UERR)

araujomsocorro@gmail.com

Thaygra Manoelly Silva Pinho (UFRR)

thaygramanoelly@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar aspectos da toponímia, em consonância com a Onomástica, que nos permitem perceber o modo como o cognitivo e o social se apresentam através de topônimos compostos. A partir da necessidade de responder às questões: é possível estabelecer alguma relação entre o cognitivo e o social na ciência onomástica/toponímica? Quais características estão presentes no estudo toponímico (cognitivo ou social)? E, de que maneira se manifestam nos topônimos compostos? Para responder às perguntas, foi necessário verificar de que forma o social e o cognitivo se relacionam com os estudos linguísticos; compreender as características da ciência a partir dos estudos atuais; e por fim, através da análise toponímica, relacionar as convergências dos estudos cognitivos e sociais com os estudos toponímicos. A partir daí, observamos que os topônimos oficiais compostos “Igreja Catedral Cristo Redentor” e “Assembleia Legislativa do Estado de Roraima Palácio Antônio Martins”, que passaram a topônimos espontâneos/populares “Igreja Catedral” e “Assembleia Legislativa”, sofreram supressão dos sintagmas finais. O fato ocorreu em quatro dos sete topônimos analisados, o que nos permitiu perceber que o social possui forte relação com a Toponímia, pois, para haver a supressão é necessário que haja alguma relação habitual entre os indivíduos com o local, e entre os indivíduos reciprocamente. Entretanto, para tratar dos dados dos dados pesquisados, em alguns momentos, essa ciência exige considerar, além das relações sociais, os aspectos cognitivos, forçando o pesquisador a manter um diálogo entre essas teorias linguísticas, visto que a cognição influencia a atividade linguística social. Portanto, é possível sim a relação entre social e cognitivo nas análises toponímicas.

Palavras-chave: Social. Cognitivo. Topônimo espontâneo.

1. Introdução

Sabemos que o homem interage com o mundo através da linguagem, identifica coisas, pessoas, ações e lugares, expõe seu pensamento e conquista seu espaço social. É nesse contexto de se representar para si e para outros que o sentido das palavras assume o papel de proporcionar a comunicação humana.

Refletimos neste artigo o resultado de uma inquietação acerca dos conhecimentos de toponímia, o ato de dar nomes aos lugares, e suas relações com linguística cognitiva, que trata da linguagem baseada na semântica, nas experiências humanas e em suas comunidades.

O estudo toponímico foi o viés para esta discussão que tem o objetivo de analisar características presentes em topônimos compostos que podem ser justificadas pelo cognitivo e pelo social. Verificamos essas relações à luz das ciências onomástica, embasadas em Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, 2007), linguística cognitiva, em Antônio Suárez Abreu (2011), entre outros especialistas no tema. Para tanto, necessitamos verificar de que forma o social e o cognitivo se relacionam com os estudos linguísticos; compreender a ciência a partir dos estudos atuais e relacionar as convergências dos estudos cognitivos e sociais com os estudos toponímicos.

Analisamos dez topônimos, iniciamos por identificar marcas de supressão de termos no sintagma toponímico que se justificam pelo sentido e pela necessidade de comunicação dos moradores, por exemplo, Igreja Catedral Cristo Redentor (topônimo oficial) que é reconhecida apenas por Igreja Catedral (topônimo espontâneo). Assim, a análise toponímica foi possível através do diálogo com a linguística cognitiva.

2. *Língua: social ou/e cognitivo?*

Discussões acadêmicas acerca dos estudos linguísticos têm observado questões como os aspectos sociais e cognitivos das línguas. Entretanto, percebemos que os aspectos sociais foram demonstrados com antecedência se comparados com os cognitivos. Desde os estudos de Ferdinand de Saussure, quando afirma que a língua como um sistema de código conhecido por uma comunidade, apresenta-a como social, embora isso tenha tido relevância só tempos depois. Para Ferdinand de Saussure, a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Faz perceber que a língua só se realiza completamente em uso, na “massa”, assim abriram-se discussões dos estudiosos da língua.

Para Augusto Soares da Silva (2009), Ferdinand de Saussure vê a língua de maneira social sem cognitivo, enquanto Noam Chomsky, com sua dicotomia “competência e desempenho”, em que a competência é a

gramática interna do falante, deixa de lado o fato social, pois, se a origem da língua é inata, então não é social, focando seus estudos na parte biológica do indivíduo e assim, tem a língua como cognitiva sem social.

Ou seja: as dicotomias de Saussure e de Chomsky criaram rupturas numa concepção necessariamente tripartida da linguagem, que elas próprias ajudaram a construir e que inclui o sistema social ou *langue*, o conhecimento individual do sistema ou *competência* e o uso individual do sistema ou *parole/performance*. Além disso, ambas relegaram para um lugar de somenos interesse científico a existência mais real da linguagem, isto é, como atividade interindividual ou uso, como *parole/performance*. (SILVA, 2009, p. 513)

Podemos perceber que conflitos entre social e cognitivo surgiram desde o princípio dos estudos linguísticos, pela própria definição de língua dos estudiosos, gerando conflitos até nos dias atuais, apenas por se ignorar o uso da língua em situação interindividual.

A partir do entendimento de que não é preciso excluir necessariamente um dos aspectos da língua, Dirk Geeraerts (2005) afirma que não é só desejável, como inevitável, a aliança entre o cognitivo e o social. Explica ainda que existem características da linguística cognitiva que são estritamente relacionadas ao social, são elas: orientação para o significado, concepção experiencialista e enciclopédica do significado, modelo baseado no uso e recontextualização da gramática.

Enrique Bernárdez (2005) traz sua perspectiva sobre a atividade linguística social na influência nos processos cognitivos. Para o autor, as línguas só existem sobre a forma de atividade social, sendo assim, a atividade linguística é social por natureza. Dessa forma, a linguagem é um fenômeno intrinsecamente histórico e, como fenômenos que hoje são examinados a nível individual (como a metáfora e a metonímia), o resultado é uma cristalização social e histórica. Assim, o uso linguístico determina formas e estruturas linguísticas, umas mais preferidas que outras. No entanto, através de um processo de integração cognitiva, as formas produzidas e/ou preferidas pelo uso linguístico são gradualmente fixadas na mente do indivíduo, a ponto da sua conexão original com a atividade linguística se perder e assim se tornar parte da cognição individual.

Seguindo a discussão, na análise toponímica apresentada abaixo podemos perceber a cognição influenciando a atividade linguística social, contrastando com a afirmação de Enrique Bernárdez.

3. A ciência toponímica: em evidência o aspecto social

As transformações sociais perpassam pelo léxico de uma língua de modo que para Aparecida Negri Isquerdo (2012, p. 115), não há como negar “a importância linguística, cultural, social e política do léxico das línguas naturais e sua respectiva relação com a história social das línguas naturais”. Dessa forma, percebemos a importância de um subgrupo da lexicologia, a onomástica, ciência da linguagem que estuda os nomes próprios, segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (2007, p. 464) desempenhando “[...] um papel adensador dos contatos com outras disciplinas das Ciências Humanas”.

A partir do surgimento desta ciência, que a princípio tinha como foco a origem, modificações e causas do nome próprio, tornou-se fundamental a desagregação em duas áreas de pesquisa, a que estuda os nomes próprios de pessoas, Antroponímia, e a Toponímia, considerada “[...] do ponto de vista conceitual, como o estudo do nome de lugar, entendimento decorrente dos próprios étimos formadores da expressão, *topos* (lugar) e *onoma* (nome, designação)”. (DICK 2007, p. 459)

Os primeiros estudos toponímicos surgiram através de Auguste Lognon, em 1878 na França (CARDOSO, 1961), basicamente pautados na etimologia. Mas, recentemente a Toponímia passou a ser estudada também a partir do olhar da Semântica, nas diferentes situações comunicativas, comparada a outras unidades lexicais, dessa forma, tomando o extralinguístico como fator importantíssimo. (ANDRADE & CAVALCANTE, 2009)

Atualmente, os estudos toponímicos no Brasil têm se desenvolvido e se voltado bastante para o resgate da história social de uma região ou comunidade, geralmente, “partindo da etimologia para reconstruir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional da região em questão, como um resgate ideológico do denominador e preservação do fundo de memória”. (CARVALINHOS, 2002-2003, p. 172)

A Toponímia se apresenta com um caráter ideológico de resgate histórico e possibilita a reconstrução da história de um povo, porque se baseia no fato de que contida na história social desse povo estão inseridos também a cultura, modos de vida, crenças, fatos sociais e suas tradições. (ARAÚJO, 2014)

Patrícia de Jesus Carvalinhos (2002-2003) vai além ao comparar a Toponímia com um sítio arqueológico, em que se pode construir fatos

sociais desaparecidos e contribuir com um material valioso para outras disciplinas, como a história, geografia humana e antropologia.

Em relação a esse caráter multifacetário da toponímia, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 02) enfatiza que a Toponímia “conversa” com as outras disciplinas e que isso deve acontecer “de acordo com a formação intelectual do pesquisador”. Com base nessa discussão sobre os estudos toponímicos, percebemos a função dos aspectos sociais como contribuição para essa disciplina.

Por esse viés, se nos atentarmos para a semântica nesses estudos, podemos observar com exatidão as funções da toponímia. Assim, tudo que foi retratado até aqui são aspectos que colaboraram para que nesses últimos anos tenha havido um grande interesse pelas pesquisas toponímicas no Brasil. Na análise a seguir, apresentamos melhor como o cognitivismo se manifesta na toponímia.

4. Aspecto cognitivo e social em análise toponímica

Os dados de uma pesquisa linguística muitas vezes são infiéis à sua teoria, quando estes não se deixam analisar totalmente pela teoria proposta pelo pesquisador, então, se torna inevitável não tomar parte de outra teoria para satisfazer às necessidades de análise desses dados, se a proposta do linguista for verdadeiramente analisar os dados de maneira mais profunda.

Para não ficarmos apenas nas palavras, tentamos trazer uma breve análise toponímica com contribuições de outra teoria, além da metodologia específica da área, com isso mostrar que o aprofundamento do estudo se dá basicamente quando a própria pesquisa exige, através de seus dados. Partimos da compreensão da metodologia dos estudos linguístico-toponímicos.

As pesquisas geralmente utilizadas nessa ciência, no âmbito linguístico, embasadas em Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, são pesquisas de cunho etnográfico. Assim, para a coleta de dados é imprescindível que os questionários toponímicos ou entrevistas sejam realizados com pessoas que possuem relação estrita com o lugar, pois, quanto mais isso ocorrer mais esses entrevistados podem colaborar com a pesquisa, visto que a teoria defende que o ato de nomear o lugar é eminentemente motivado.

Ainda obedecendo à teoria, os dados são descritos em fichas lexicográfico-toponímicas, para facilitar a análise dos topônimos e, seguidamente, suas classificações em taxas toponímicas, para então serem analisados e arquivados.

Especialmente para essa pesquisa, utilizamos dados já coletados na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, de Almeida (2016). Os dados da pesquisa toponímica dos patrimônios culturais de Boa Vista foram utilizados para fazer essa análise. A pesquisa de TCC se deveu apenas na metodologia toponímica ignorando o que os dados demonstrados exigiam como disponibilizamos no quadro logo abaixo:

TOPÔNIMOS COMPOSTOS	
Topônimos oficiais	Topônimos espontâneos
Igreja Catedral Cristo Redentor	Igreja Catedral *
Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo	Igreja Matriz *
Assembleia Legislativa do Estado de Roraima Palácio Antônio Martins	Assembleia Legislativa *
Palácio da Cultura Nenê Macaggi	Palácio da Cultura* Biblioteca pública
Palácio Senador Hélio Campos	Palácio do governo
Monumento ao pioneiro	Monumento ao índio Monumento a Makunaima Monumento ao imigrante
Monumento ao garimpeiro	Monumento ao garimpeiro

Fonte: Almeida (2016)

Como podemos perceber, foram analisados sete topônimos, todos compostos, ou seja, possuem mais de um termo na constituição do sintagma. A princípio foram analisados sete topônimos oficiais, no entanto, obtivemos dez topônimos espontâneos, conhecidos também como topônimos populares.

Chamamos atenção para os quatro primeiros topônimos espontâneos marcados com asterisco na tabela. Percebemos que estes topônimos suprimem os termos finais dos topônimos oficiais, o que nos faz questionar se o que estaria influenciando essa supressão dos termos toponímicos seriam questões cognitivas e/ou sociais? Para tentar responder a essa

questão, tivemos nos inteiramos sobre o que tratam cognição e linguagem. Para tanto, recorremos ao pesquisador da linguística cognitiva, Antônio Suárez Abreu⁶⁷.

De acordo com o pesquisador, o ser humano tem “atratores” no sistema da linguagem humana, como sistema complexo adaptativo. A economia é um dos atratores mais evidentes. No que diz respeito ao léxico. Tomemos os exemplos de Antônio Suárez Abreu, reduzimos as palavras motocicleta e fotografia para “moto” e “foto”, por questões puramente econômicas.

Entretanto, ao trazermos essa percepção da economia linguística para o campo toponomástico, pensamos que seria uma visão muito geral, e por isso, simplista demais. Pois, o léxico toponímico não se reduz aos substantivos comuns, mas sim aos próprios, respeitando também a sua característica principal, o fator motivacional.

Se tratando de nomes próprios, buscamos o estudo de Natalia Zaninetti Macedo (2015) que trata especificamente da análise fonológica dos nomes próprios de pessoas, mais precisamente dos hipocorísticos, ou seja, dos apelidos, por exemplo, Arthur equivale a “Tutu”. Neste estudo, a autora afirma que existe uma lógica interna da linguagem, na relação entre a redução do nome próprio e a sílaba tônica, o que gera a criação dos hipocorísticos, geralmente, para expressar de forma carinhosa o nome de alguém, o que também não deixa de ser uma forma de economia.

Observando essas questões de redução, no nível da palavra isolada, nos questionamos se ocorre o mesmo com a supressão dos termos toponímicos, ou seja, teríamos um radical que se faz necessário no topônimo e não pode, portanto, ser extraído? Então, supomos que deve existir alguma regra linguística cognitiva que regula essa supressão em termos de uma sentença toponímica, já que podemos observar nos exemplos que todas as supressões ocorrem dos últimos termos toponímicos.

Para tentar responder essa segunda questão, apresentamos um exemplo que vai de encontro aos exemplos de supressão de topônimos que vimos anteriormente, em que a supressão corria nos termos finais da sentença.

⁶⁷O linguista tratou do assunto no I Workshop de Práticas de Leitura e Escrita: entre textos e discursos, apresentando a palestra “Linguística cognitiva e produção textual” (UNIFRAN).

Exemplos:

a) Topônimo oficial: Escola Estadual Presidente *Tancredo* Neves.

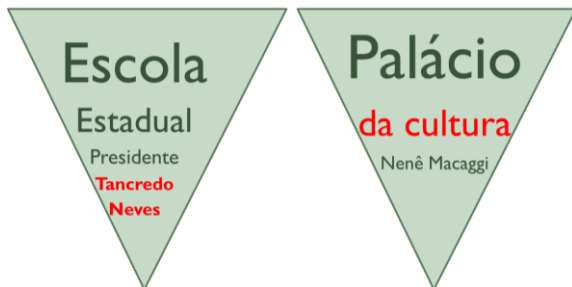
b) Topônimo espontâneo: *Tancredo Neves ou apenas *Tancredo.

Como podemos perceber, no exemplo acima, os elementos linguísticos suprimidos (Escola Estadual Presidente) encontram-se no início da sentença toponímica, o que entra em contradição com os exemplos anteriores, já que os elementos suprimidos são os que se localizam na parte posterior da sentença toponímica. Mas, por que isso acontece? Temos uma hipótese que pode explicar esse fato linguístico.

Segundo Barbara Bába (2014), a função dos topônimos é basicamente fornecer uma denotação simples e certa de um dado lugar para uma dada comunidade, denotando imediatamente certos pontos fixos na paisagem em sua representação mental, para que possa permitir a recordação mental de lugares particulares, ou seja, através deles (topônimos) a comunicação relativa a uma determinada área torna-se mais suave.

Assim, acreditamos que nesses topônimos compostos acontece certa generalização, que vai dos termos iniciais, e no decorrer dos demais termos “o local” vai se tornando mais evidente na mente do falante, até gerar um mapa mental, permitindo a identificação desse local. Ou seja, o usuário do léxico toponímico suprime os termos lexicais toponímicos, quando consegue tornar o local específico/individual/particular o qual quer indicar, pois não vê necessidade da utilização de outros termos, quando seu objetivo de identificar já está alcançado.

Para exemplificar essa situação, trouxemos duas representações mentais da sentença toponímica, uma que suprime os sintagmas iniciais e a outra os finais, respectivamente, como podemos perceber abaixo:



Dessa forma, creditamos que quando o local se torna evidente já nos primeiros elementos da sentença toponímica, ou seja, faz referência exata ao local, os demais termos posteriores não são necessários, da mesma maneira ocorre no caso contrário, então, o falante exclui da sentença.

Tudo isso ocorre devido a essa funcionalidade do topônimo em um contexto social, na qual é mais evidente essa supressão quando há uma relação menos formal entre os indivíduos de um dado ambiente físico. O que demonstra a influência e a relação do ambiente físico com o indivíduo; e a relação interacional entre indivíduos, quando ocorre o ato de renomear (ou identificar) um local.

Portanto, concluímos que essa supressão ocorre por questões econômicas da linguagem, o que faz parte da cognição do ser humano, motivado pela função principal dos topônimos ao gerar um mapa mental, identificar. E, ainda influenciada por questões sociais, relacionadas com a intimidade dos falantes com o lugar, e até mesmo com os demais usuários do local.

5. Considerações finais

As nossas considerações podem ser encontradas no decorrer do corpo do texto. Entretanto, queremos evidenciar alguns aspectos que devem ser apontados: a) a língua abrange tanto os aspectos cognitivos como os aspectos sociais, assim b) a ciência toponímica dá abertura aos dois aspectos, entretanto, estando extremamente relacionada com o social, c) porém, em alguns momentos essa ciência exige, através de seus dados, considerar aspectos cognitivos em suas análises, de certa forma, forçando o pesquisador a manter um diálogo com mais de uma teoria linguística, além disso, d) podemos perceber, na análise toponímica realizada, que a cognição influencia na atividade linguística social. Portanto, é possível sim a relação entre social e cognitivo nas análises toponímicas, conforme demonstrado nesse artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística cognitiva e produção textual*. I Workshop de práticas de leitura e escrita entre textos e discursos. 28 de maio de 2011. Promovido pelo Projeto Observatório da Educação Edi-

tal/2010. Linguagens, códigos e tecnologias: práticas de ensino de leitura e de escrita na educação básica- ensino fundamental e médio e pelo Mestrado em Linguística da UNIFRAN. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DWPueWvPFPk&t=31s>>. Acesso em: 19-06-2017.

ALMEIDA, Francisca Aurea. *Língua, cultura e história: os topônimos dos monumentos de Boa Vista*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; CAVALCANTE, Lynara Raquel. O estudo dos nomes no contexto da BR Belém-Brasília: Análise das fichas lexicográfico-toponímicas. In: *Anais do XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p. 862- 873. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/o_estudo_dos_nomes_no_contexto_da_br_karylleila.pdf>.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. *Toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima*. 2014. Dissertação (de Mestrado). – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Letras, Boa Vista.

BÁBA, Barbara. A study of two-part toponyms from a cognitive aspect. In: ONOMÁSTICA. Biblioteca Técnica de Política Linguística. Els noms en la vida quotidiana. *Actes del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex, Secció 6, 2014

BERNÁRDEZ, Enrique. Social cognition: variation, language, and culture in a cognitive linguistic typology. In: MENDOZA IBÁÑEZ, Ruiz de Francisco José; CERVEL, Peña María Sandra. (Orgs.). *Cognitive linguistics*. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 191-222.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: toponímia os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 172-179, dez.2002/fev.2003.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Grá-

ficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: O projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Leda Maria (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. III. Campo Grande: UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, p. 459-471.

GEERAERTS, Dirk. Lactal variation and empirical data in Cognitive Linguistics. In: MENDOZA, Francisco J. Ruiz de; CERVEL, Sandra Peña. (Orgs.). *Cognitive linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interactions*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 163-189.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: Interfaces linguísticas, históricas e cultura. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. VI. Campo Grande: UFMS, 2012, p. 115- 139.

MACEDO, Natalia Zaninetti. *Análise fonológica de nomes próprios de origem estrangeira e novas criações em Português Brasileiro*. 2015. Dissertação (de mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Augusto Soares da. O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigos íntimos? *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 2009, p. 511-525.